

Rumi: a natureza e o mundo como espelhos de Deus

Rumi: nature and world as mirrors of God

Mário Werneck *

Resumo

O presente trabalho busca mostrar o processo de criação sob o ponto de vista da poesia mística de Rumi. Portanto, procura demonstrar como Rumi dá vida, em seus escritos, ao máximo ato vivificador, à beleza com a qual ele entende e transporta, pelas palavras, o conhecimento do ato criador divino. Trata-se, portanto, de mostrar o processo de criação pelo qual as criaturas recebem a filiação do Criador, e como esse elo primordial com a transcendência é então capaz de inspirar todo movimento observado pelo místico em direção ao processo de união, que no caso de Rumi, remete ao movimento de influxo do amor. É pelo amor que as criaturas são chamadas a reconhecer, no mundo e no cosmos os atributos de Deus, dos quais elas participam por filiação.

Palavras-chave: Rumi. Teofanias. Natureza. Sufismo.

Abstract

The present work seeks to show the process of creation from the point of view of Rumi's mystical poetry. Therefore, it seeks to demonstrate how Rumi gives life, in his writings, to the maximum vivifying act, to the beauty with which he understands and conveys, through the words, knowledge of the divine creative act. It is therefore a matter of showing the process of creation by which creatures receive the filiation of the Creator. And how this primordial link with transcendence is then capable of inspiring every movement observed by the mystic towards the union process, which in Rumi's case, refers to the movement of influx of love. It is through love that creatures are called to recognize, in the world and in the cosmos, the attributes of God, in which they participate by filiation.

Keywords: Rumi. Theophanies. Nature. Sufism.

Artigo submetido em 11 de maio de 2022 e aprovado em 14 de dezembro de 2023.

* Doutor em Ciência da Religião (UFJF), professor do Instituto Santo Tomás de Aquino. País de origem: Brasil. E-mail: mariowerneck.professor@gmail.com.

Introdução

Desejo um pomar e jardins de rosas,
Mostra Tua face.
Desejo açúcar em abundância,
Descerra teus lábios.
Desejo este incandescente rosto radiante,
Ó sol desvela tua face que as nuvens
encobrem. (RUMI,2001, p.65).

O poeta e místico da tradição Sufi Jalaluddin Rumi, conhecido como Mawlana, (nosso mestre) nasceu em Valksh, aldeia localizada nas proximidades de Balkh, atual Afeganistão, em 30 de setembro de 1207 (6 Rabî al-Awwal 604, no calendário islâmico). Rumi é autor de uma obra monumental, tanto pelo volume quanto pela rica temática da qual se ocupa.

Para se ter uma ideia da diversidade de temas trabalhados por Mawlana, poderia se observar essa listagem dos conteúdos de sua mística que vão desde a investigação acerca de Deus e sua criação, passando pela posição do ser humano no cosmo, cosmo este que oferece toda uma gama de simbolismo característicos das manifestações (teofanias) de Deus. É o próprio mundo e tudo o que ele contém, do micro ao macrocosmo que dão testemunho da presença de Deus.

Pode-se dizer, portanto, que tudo é prova de Deus como afirmado no Corão (II, 115) “A Deus pertence o levante e o poente. Para onde vos tornardes, lá encontrareis o semblante de Deus. Deus é imenso e sabedor”. No encontro das manifestações teofânicas (*tajallî*), os mestres sufis apresentam amplos caminhos de busca, Rumi coloca acento na via do Amor. Nesse sentido, na medida em que o coração (*qalb*), visto como órgão do conhecimento, é purificado, a revelação divina, suas manifestações teofânicas, que são o centro do *tawhîd* (doutrina da Unidade Divina), aparece operada pelo signo (*‘ayât*) do amor. Não é lugar aqui para uma pormenorizada discussão acerca das etapas do *tawhîd*, bem como um aprofundamento maior no sentido das manifestações teofânicas. Porém, Chittick oferece as três características fundamentais desse amor que caracteriza aquilo que se convencionou chamar de religião do amor.

Religião do Amor, conforme professada pelos estudiosos muçulmanos, tem três princípios básicos. Primeiro, *tawhîd*: não há verdadeiro amante e verdadeiro amado senão Deus. Em segundo lugar, a profecia: o caminho para realizar o amor de Deus está em seguir a orientação

profética. Terceiro, o retorno ao Amado: o objetivo do amante é alcançar a união com seu Criador. (CHITTICK, 2013, p.5, tradução nossa).¹

No presente trabalho busca-se mostrar o processo de criação sob o ponto de vista da poesia mística de Mawlana. Portanto, procura demonstrar como Rumi dá vida, em seus escritos, ao máximo ato vivificador, à beleza com a qual ele entende e transporta – pelas palavras – o conhecimento do ato Criador: o *Kun!* (Seja!) divino. Trata-se, portanto, de mostrar o processo de criação pelo qual as criaturas recebem a filiação do Criador. E como esse elo primordial com a transcendência é então capaz de inspirar todo movimento observado pelo místico em direção ao processo de união, que no caso de Rumi, remete ao movimento de influxo do amor. É pelo amor que as criaturas são chamadas a reconhecer, no mundo e no cosmos os atributos de Deus; atributos dos quais elas participam por filiação.

1 A centralidade do Corão e a sabedoria Sufi.

A obra mística de Mawlana não demonstra uma sistematização rigorosa, ele não apresenta um sistema filosófico de *per se*, e a natureza poética e discursiva de seus escritos dificulta fazer um resumo teológico sistemático (LEWIS, 2001). De certa forma, isso ocorre pelo fato de que para Rumi a forma de veicular esses conhecimentos tenha sido encontrada na poesia.

Quando falamos do pensamento de Rumi, não podemos conferir a isto um significado de ser uma filosofia sistemática e coerente, seus pensamentos são relacionados de maneira difusa e desconexa, como linhas quebradas. Contudo, um esforço paciente pode nos conduzir próximos a um modelo sólido. O ponto é que nós não podemos nos aproximar do pensamento de Rumi da mesma maneira com que nos aproximamos de um pensador sistemático. Outro ponto de diferenciação entre Rumi e os pensadores sistemáticos é que, enquanto estes últimos sustentam suas asserções com argumentos, Rumi geralmente faz afirmações e busca investi-las com o poder das analogias. (IQBAL, 1999, p.256, tradução nossa).²

Assim, tem-se todo um conjunto de alusões que subjazem aos poemas e

¹The Religion of Love as professed by Muslim scholars has three basic tenets. First, *tawhīd*: there is no true lover and no true beloved but God. Second, prophecy: the path of actualizing God's love lies in following prophetic guidance. Third, the return to the Beloved: the lover's goal is to achieve union with his Creator.

²When we talk of Rumi's thought, we should not be taken to mean that he had a systematic and coherent philosophy. His thoughts lie scattered and unconnected like broken threads, but a patient effort can weave them into an almost consistent pattern. The point is that we should not approach Rumi's thought in the same spirit as we approach the thought of a systematic thinker. Another point of difference between Rumi and systematic thinkers is that, whereas the latter usually support their contentions with arguments, Rumi generally makes assertions and tries to invest them with power by means of analogies.

cuja apreensão correta torna-se impossível, contando-se apenas com a sensibilidade do leitor. Sabe-se, por exemplo, que Rumi ao longo de seus anos de estudos e formação realizou profundas leituras do Corão e dos *Hadiths* (tradições ou relatos referentes à vida e aos ditos do Profeta Mohammed), bem como dos clássicos manuais do Sufismo que fizeram dele um grande mestre e doutor da lei e marcaram sua estrita filiação à tradição religiosa do Islã, não obstante o caráter universalista de seus poemas.

Portanto, Rumi além de suas principais influências sufis (principalmente ‘Attar e Sana’i, cujo estilo ele segue), compunha com esses pensamentos uma profunda internalização dos versículos do Corão (LEWIS, 2001). A passagem a seguir mostra um pouco desse estilo,

Ainda que os sete mares se tornassem tinta, / Não haveria nenhuma esperança das palavras de Deus chegarem ao fim. / Se os jardins e florestas se tornassem cálamos, / Não haveria diminuição dessa palavra/ Todas essas tintas e cálamos desapareceriam/ mas, esta Palavra incontável permaneceria. (RUMI, 1940, versos: 3544-3546, tradução nossa).³

Veja-se, por exemplo, como o poema acima apresenta uma variação da Sura (XVIII/109), que diz: “Se, para consignar as palavras do meu Senhor, o mar fosse tinta, o mar se esgotaria antes que se esgotassem as palavras de meu Senhor. Ainda que trouxéssemos outro mar de tinta.”

Conforme afirma Schimmel, o trabalho de Rumi é sempre permeado pelas alusões corânicas que são utilizadas para revelar a grandeza da manifestação de Deus (SCHIMMEL, 1993). Ao se tratar sobre Deus e a criação, é fundamental ter em mente que Mawlana não possui uma concepção de Deus como uma causa primeira ou como um primeiro princípio que cria o mundo, e o faz mover-se de acordo com esquemas pré-fixados. O Deus de Rumi é um Deus vivo. Ele se revelou a Mawlana com toda a força de seu poder criativo e o poeta o cantou com reverência: “Ó Tu que és emir de todas as belezas do mundo, ó Deus! /Tu és repouso e paz da alma, ó Deus/ Ó Tu! Cada manhã ante Tua face, / O sol do mundo exclama: ‘Ó Deus!’” (RUMI, 1993, p.180, tradução nossa).⁴ Por este

³ If seven seas should become entirely ink, (still) there is no hope of coming to an end./ If orchards and forests should become pens altogether, there would never be any decrease in this Word./ All that ink and (all those) pens pass away, and this numberless Word is everlasting.

⁴ O Toi qui es l’émir de totes beautés du monde, ô Dieu!/ O Toi qui es le repos et la paix de l’âme, ô Dieu!/ O Toi! Cheque matin, devant ton Visage,/ Le soleil du monde dit: ‘O Dieu!’

motivo, Deus enseja a possibilidade de poder ser percebido em todos os aspectos da vida, porque na verdade Ele se revela a Si.

A criação dos seres que se encontram no mundo tem por meta a manifestação, / a fim de que o tesouro da generosidade não permaneça oculto. / Deus disse: ‘Eu era um tesouro escondido’. Escuta com atenção! / Não deixa que se perca a substância espiritual! / Torna-a manifesta. (RUMI, 1940, versos: 3028-3029, tradução nossa).⁵

Apoiado na Tradição Profética, Rumi cita um *Hadith Qudsi*⁶ muito conhecido que afirma: “Eu era um tesouro escondido e desejei ser conhecido, então Eu criei o mundo.” (RUMI, 1940, p.176, tradução nossa)⁷

No dizer de Franklin Lewis, Mawlana e seus primeiros mestres, entre eles seu pai Baha’ al-Din Valad e posteriormente Borhan al-Din, conheciam muito bem todas as ciências islâmicas, mas o fato de viverem entre literatos fazia deles grandes apreciadores das belas letras, daí que, na poética de Rumi encontrem-se incontáveis simbolismos extraídos da natureza. “Pois quem quer que perceba o aroma do mistério das Escrituras, / voa até o jardim donde mana o riacho”. (RUMI, 1940, verso: 3472, tradução nossa).⁸

Para se ter uma ideia dessa influência veja-se o discurso três de uma das obras (*Fihi ma Fihi*) de Rumi. Em dado momento, ele narra uma história de seu pai com os discípulos na qual Baha al-Din aparece como detentor de poderes milagrosos.

Contam que nosso mestre, o Sultão dos sábios, o Polo do mundo, Baha’al-Din (que Deus santifique sua grande alma) foi encontrado um dia por seus companheiros em pleno recolhimento, sendo que o momento da oração chegara. Foi avisado por alguns de seus companheiros. Nosso mestre não respondeu ao chamado. Eles se levantaram e começaram a orar. Dois discípulos seguiram o exemplo do sheik e não se levantaram. Mas, Deus mostrou aos olhos interiores de um dos discípulos, chamado Khajagi, que estava orando, que todos os companheiros que oravam com o Imã estavam de costas para a *Qibla*, e que somente esses dois discípulos, que haviam seguido o exemplo do sheik, estavam de frente para Meca. (RUMI, 1996, p.35).

⁵ (The creation of) these creatures of the world is for the purpose of manifestation, to the end that the treasure of (Divine) providences may not remain hidden. /He (God) said, “I was a hidden treasure”: hearken! Do not let thy (spiritual) substance be lost: become manifest!

⁶ As coleções de Hadiths Qudsi são caracterizadas pela fala direta de Deus com o Profeta Mohammed, porém diferentemente do Corão (que é a manifestação transcendente, eterna e incomparável) os Hadiths foram recebidos pelo Profeta em sonhos ou por inspiração, mas as palavras empregadas são as do Profeta, diferentemente do Corão que é incriado.

⁷ I was a Hidden Treasure, and I desire to be known, so I created the creation in order that I might be known.

⁸ For whoever perceives the aroma of the mystery of the Scriptures, / flies to the garden from which the stream flows.

Pode-se notar que os ensinamentos recebidos por Rumi, já em sua juventude, possuíam alto teor de mística e que quando vivenciados em conexão e confluência com os ensinamentos da tradição corânica, produziam reflexões alusivas acerca da transcendência capazes de desvelar todo um mosaico de manifestações teofânicas no mundo criado. Por exemplo, a Sura (L;16) afirma: “Nós verdadeiramente criamos o homem; e Nós sabemos que sua alma segreda com ele, / e Nós estamos mais próximos a ele/ que que a sua veia jugular”. Aludindo a esta passagem, escreve Rumi:

Aquilo que é real está mais próximo do que a jugular; você atirou a flecha do pensamento para longe. /Ó você que se muniu de arco e flechas, a presa está mais próxima de você e disparastes para longe. / Quanto mais longe se atira, mais longe e mais separado se está de um Tesouro como este. (RUMI, 1940, versos: 2353-2355, tradução nossa).⁹

Outro exemplo, que como afirma Schimmel (1993) é um dos preferidos dos Sufis, se refere à Sura (XLI;53), que diz: “Nós podemos mostrar-lhes Nossos sinais nos horizontes. /E neles mesmos, até que fique claro para eles/ Que isto é a verdade. Não é suficiente que teu Senhor seja testemunha acima de tudo?”, portanto, afirma-se que Deus colocará seus sinais nos horizontes e nos homens. Rumi vê os signos de Deus por toda parte:

A cada momento milhares de signos e símbolos são manifestos por ele neste mundo. Por exemplo, Ele confere forma à mão, aos olhares a forma do olho, ou à eloquência da palavra a forma da língua; Esta relação não é nem interior nem exterior a este mundo aqui. Nem junto a ele, nem separado, porém, uma indicação é suficiente para uma pessoa inteligente. (RUMI, 1940, verso: 2786, tradução nossa).¹⁰

Porém, o encontro com um dervixe errante chamado Shams de Tabriz irá produzir em Rumi um mergulho naquilo que seu biógrafo Al-Aflaki chamou de “ciência da intuição divina” (AL-AFLAKI, 1999, p.23). Rumi encontrou em Shams alguém que, além de doutor nas ciências conhecidas pelos homens, possuía também o chamado conhecimento inspirado e que se baseava no estudo e na contemplação dos mistérios do Amor Divino. A partir daí, toda a mística de Rumi

⁹ That which is real is near than the neck-artery; you have shot the arrow of thought far afield. /O you who have provide yourself with bow and arrows, the prey is near and you have shot far. / The farther one shoots, the farther away and more separated is he from a treasure like this.

¹⁰ At every moment thousands of signs and types are displayed by it (in this world). As manual skill to the form of the hand, or glances of the eye to the form of the eye, or eloquence of the tongue to the form of the tongue, (such is the relation of that world to this): it is neither inside of it nor outside, neither joined with it nor separate. And indication is sufficient for a person of intelligence.

virá com a marca do mais denso amor, um amor gratuito, que ama por amar sem nada pedir, sem nada esperar, a não ser a fusão com o objeto do amor. Esta fusão não será tratada no presente artigo. No desenvolvimento do pensamento místico de Rumi se cristalizam, de forma clara, os aspectos completos de transcendência e imanência de Deus e compõem a Sua incomparável Realidade última (MEYEROVITCH, 1972).

Deus disse: embora Eu transcenda, em muito, sua recordação de Mim; e embora as ideias e as falas humanas não Me convenham/ aquele que está inebriado com a imaginação e a fantasia, nunca apreenderá minha essência sem a ajuda da comparação. (RUMI, 1940, versos: 1716-1717, tradução nossa).¹¹

Por isso, toda mística de Mawlana apresenta uma busca por conciliar o simbolismo da criação com a transcendência absoluta de Deus, balizado pelo amor e o acento no *tawhîd*, a Unidade Divina.

2 Deus: O Criador e o perpétuo devir

O poder criador de Deus se apresenta na teologia muçulmana a partir do conceito de *creatio ex nihilo*. Todo o enfoque da mística de Rumi traz em seu bojo esta fonte teológica. Então Deus cria constantemente a partir do nada, este é um lugar conhecido com (*‘adam*), o obscuro, “a caixa da unidade”. Este conceito é nuclear em sua obra, esta palavra que significa não-ser, ou não existência é entendida como sendo a condição necessária de todo ser, de todo o universo (SCHIMMEL, 1993). Do não-ser, toda criação refulge; o não-ser é o lugar onde o ser vem-a-ser. Toda criação emerge assim de um imenso vazio, ou de um intenso nada que é a fôrma que molda a criação. O nada é assim, a folha alva onde Deus desenha o existir com seu cálcamo de amor.

[...] um Deus Poderoso que em um instante traz, da não-existência, cem mundos como o nosso/ Ele manifesta à visão cem mundos semelhante a este, / Quando Ele concede à nossa pupila a visão por Sua própria Luz/ Ainda que o mundo lhe pareça vasto e sem fundo, /Saiba que para o Onipotente não é mais que um átomo. (RUMI, 1940, versos: 522-524, tradução nossa).¹²

¹¹ He has said: ‘Although I far transcendent your commemoration (of Me), (and although) the pictorial ideas (of human speech) are not suitable to Me, / Yet he that is intoxicated with (pictorial) imagination and fancy will never apprehend My essence without (the help of) similitude.

¹² [...] a God so mighty that in a moment He causes a hundred worlds like ours to come into existence from non-existence:/a hundred worlds like ours He displays to the sight, when He makes your eye seeing by (the light of) Himself. /If the world appears to you vast and bottomless, know that to Omnipotence it is not (so much as) an atom.

Deve-se sempre ter em mente que Deus, em sua infinitude, é a condição de possibilidade de todo existir, ou seja, oferece todas as oportunidades de que aconteçam manifestações teofânicas (*tajallî*). Portanto, Deus se manifesta, Se determina, Se dá a conhecer na diversidade de suas manifestações e essas são necessárias em virtude de sua própria incomensurabilidade, traduzida em um de Seus nomes, *Al-Samadu* (O Absoluto, O Impenetrável, O Eterno) que aparece na Sura CXII, 2: “Ele é o Deus Único, Deus O Eterno refúgio” e Rumi inspirado, assim canta: “A imaginação é engendrada por qualidades e definições, mas Deus, Deus não é engendrado, Ele é o Deus Único, O Eterno refúgio. ” (RUMI,1940, verso: 2758, tradução nossa).¹³

Tem-se então, que *‘adam* é como um portal do existir, nesse sentido, o ser humano criado a partir do sopro divino, vem a ser a concretização de um projeto de Deus. Segundo afirma Schimmel (1993) *‘adam* é como uma caixa de onde as criaturas são chamadas à existência. Importante notar que nada pode se ocultar em *‘adam*, quando o chamado à existência soa quebrando o silêncio originário, o “Seja!” (*Kun*) tonitrua e a criação refulge. O conceito de *‘adam* comporta, portanto, uma dificuldade intrínseca: ele é um não-ser que propiciou o aparecimento dos seres. Tudo se passa então, de uma maneira bastante ilógica, mas a lógica é por demais incipiente para abarcar tal conceito em sua totalidade, melhor seria utilizar o termo trans lógico. A luz se encontra em toda parte e ilumina este vazio matricial de *‘adam* com os raios do amor. Daí o ser humano ser feito da Luz do Ser, irradiada por vetores de amor num substrato de não-ser. Talvez resida aí a sua máxima antinomia e que termina por alocá-lo no espaço finito de seu ser dual.

Como afirma Schimmel: “[...] Deus é infinitamente maior que *‘adam*, e o Amor também o é, por esta razão, *‘adam* é difícil de se perceber como Essência divina” (SCHIMMEL, 1998, p.100), e é por isso, que como foi dito acima ele é a “caixa da unidade”, que sempre acompanha seu Criador, esperando poder servir de matriz para infinitas possibilidades do Uno.

Quem somos nós, ó Alma das almas, / que parecemos existir aos Teus pés? Nós e nossas existências são não existentes. / Tu és o Ser absoluto

¹³ Conception is begotten of qualities and definition: God is not begotten, He is *lam yûlad*.

que torna manifesto o que é perecível. (RUMI, 1940, versos 601-602, tradução nossa).¹⁴

Descobrir os segredos desta caixa é impossível, ela é a uma caixa sem lados, sem arestas ou ângulos, aquele que busca está atrás de algo sem fim, e é daí que brota o outro conceito do termo que Rumi constantemente retoma em sua obra e que “[...] pode nos aproximar do conceito de essência de Deus: não somente as coisas e os seres emergem de *‘adam*, mas a ele também retornam, assim como a gota deseja ardentemente retornar ao oceano de onde um dia nasceu.” (SCHIMMEL, 1998, p.101, tradução nossa).¹⁵ Este é um retorno ao não-lugar, ao indiferenciado. “Pois a gota de consciência que Tu nos deste/ Tornou-se doravante unida a Teus oceanos” (RUMI, 1940, verso: 1882, tradução nossa).¹⁶

‘Adam é, portanto, uma grande arca onde se ocultam os tesouros ou ainda para usar as palavras de Mawlana, é o “ateliê de Deus”, e Ele como Artífice Puro opera maravilhas trazendo-as à existência. “A não existência é o ateliê de Deus, onde Ele produz constantemente Seus dons. / Deus é o Criador, e um Criador é aquele que produz um derivado sem raiz ou suporte.” (RUMI, 1940, versos: 1024-1025, tradução nossa).¹⁷

Ao vir à existência, o ser humano foi dotado, por Deus de uma consciência, e nessa consciência há um lugar reservado para a reminiscência, um lugar onde se insinua a recordação daquele momento anterior à existência, quando ainda não possuía a autonomia do existir no mundo. É por isso, que Rumi diz: “Há no homem um amor, uma dor, uma inquietude, um apelo que, mesmo se tivesse cem mil universos, não encontraria calma e repouso [...]. Chama-se o Bem-Amado de repouso da alma.” (RUMI, 1993, p.96).

A alma humana como apresentada por Rumi, possui três naturezas ela é vegetal, animal e humana, esta divisão tripartite apareceu na filosofia islâmica

¹⁴ Who are we, O thou soul o four souls, that we should remain in being beside thee? / We and our existence are (really) non-existences: thou art absolute Being which manifests the perishable (causes phenomena to appear).

¹⁵ Qui peut nous rapprocher du concept d’Essence absolue de Dieu: non seulement les choses et les êtres émergent de *‘adam*, mais ils y retournent aussi, tout comme la goutte désire ardemment retourner à l’océan d’où ele naquit um jour.

¹⁶ Cause the drop of knowledge which Thou gavest (us) therefore to become United with Thy seas.

¹⁷ Non-existence, then is God’s factory from which He continually produces gifts. /God is the Originator, and na originator is he who produces a branch (derivative) without root (fundamental principle) or support (model).

através da leitura que Avicena fez de Aristóteles. Assim, por exemplo, na poética de Rumi a evolução da alma do ser humano aparece assim:

Primeiro ela apareceu no reino das coisas inanimadas;/ passou então das inorgânicas ao estado vegetal. Muitos anos viveu no estado vegetal sem se lembrar de seu estado passado por força da oposição entre eles./Passou então, do estado vegetal para o estado animal e a alma não mais se lembrou que verdejara/salvo quando se sentia movida de desejo por ela na estação das flores doces./ Como bebês que buscam o seio e não sabem porquê.[...]/Novamente, o sábio Criador elevou-a da animalidade ao estado humano;/ e assim de reino em reino ela se tornou inteligente, sábia e poderosa./ Nenhuma memória de seu passado permanece com ele, e de sua alma presente ele deve mudar./ A fim de que ele possa escapar dessa inteligência cheia de ganância e egoísmo e contemplar cem mil inteligências mais maravilhosas [...]. (RUMI, 1940, versos: 3637-3649, tradução nossa).¹⁸

As teofanias, as manifestações do divino, acontecem segundo a palavra corânica que as coloca como sendo (*‘ayât*) signos. Dessa forma, Deus, como Criador, cria algo que não é Ele, mas que possui parcelas de sua essência. Tem-se aqui duas observações: uma apresentando a multiplicidade como possuidora de signos do Absoluto, a outra marcada pela própria Unicidade de Deus (a Sua marca mais candente), aquela que O coloca como o Único Real existente. Deus então, é a única realidade e o mundo criado é apenas aparente e em relação à realidade divina, inexistente. Porém, através de sua aparência é possível se desvelar os signos inscritos nas criaturas pelo Criador. “Se Tu és mar, eu sou o peixe, / se Tu és o deserto, eu sou Tua gazela, / Enche-me de Teu sopro, eu dependo de teu sopro/ eu sou Tua gaita, Tua gaita, Tua gaita.” (RUMI, 1993, p.196, tradução nossa).¹⁹

Analogamente, pode-se fazer uma linha de raciocínio que estabelece níveis de participação (de traço platônico²⁰) nessa relação que se estabelece entre o uno

¹⁸ First he came into the clime (world) of inorganic things, and from the state of inorganic things he passed into the vegetable state./ (Many) years he lived in the vegetable state and did not remember the inorganic state because of the opposition (between them);/ And when he passed from the vegetable into the animal state, the vegetable state was not remembered by him at all./ Save only for the inclination which he has towards that (state), especially in the season of spring and sweet herbs—/ Like the inclination of babes towards their mothers: it (the babe) does not know the secret of its desire for being suckled;[...]/ Again, the Creator, whom thou knowest, was leading him (Man) from animal (state) towards humanity/ Thus did he advance from clime to clime (from one world of being to another), till he has now become intelligent and wise and mighty./ He hath no remembrance of his former intelligences (souls); from this (human) intelligence also there is a migration to be made by him./ That he may escape from this intelligence full of greed and self-seeking and may behold a hundred thousand intelligences most marvelous.

¹⁹ Si tu es la mer, je suis le poison/ Si tu es le désert, je suis ta gازه/ Remplis-moi de ton souffle, je dépends de ton souffle/ Je suis ton hautebois, ton hautebois, ton hautebois.

²⁰ Existe uma corrente de pensamento filosófico no Islã (principalmente no Islã iraniano) que é conhecida como plantonistas da Pérsia. Segundo Henry Corbin esses filósofos são designados plantonistas em oposição aos peripatéticos, um dos principais expoentes dessa corrente foi Shihâboddîn Yahyâ Sohrawardî. Cf. (CORBIN, H. 1991)

e o múltiplo. A multiplicidade não é um obstáculo para a Unidade, visto que participa do Uno em um certo grau ou medida, sendo, por isso mesmo, capaz de ser um espelho que reflete as cores do Criador.

[...]Deus lhe dá asas quando viajas sem a montaria do corpo. / Repudia os cuidados e sê totalmente ao coração, / Como a face de um espelho sem imagens ou figuras/ Quando ele se tornar claro em imagens, / Todas imagens nele estarão contidas / Essa face luminosa, não se envergonha de nenhuma face humana. / Se quiseres ter um espelho livre de manchas/ Observa a si mesmo nesse lugar [...]. (RUMI, 2001, p.53, tradução nossa).²¹

A simbólica do espelho é muito cara a todo Sufismo. Pode-se pensar no universo todo inteiro como sendo um grande conjunto de espelhos, através desses espelhos a própria essência divina tem a possibilidade de se contemplar a si mesma sem fusão, pois os espelhos refletem irradiações do Ser único em diferentes gradações. Rumi irá colocar um forte acento na simbólica do espelho para demonstrar a teoria do ser humano como um microcosmo que contém em si o macrocosmo, ou seja, um espelho que reflete parcialmente as irradiações do Uno.

Pois em aparência, tu és um microcosmo, /Em realidade, és um macrocosmo. / Do ponto de vista da aparência, / O ramo origina o fruto;/, Mas em verdade, o ramo vem à existência /Por causa do fruto. /Se não tivesse havido um desejo e uma esperança pelo fruto, /Como o jardineiro teria plantado a árvore? /Em verdade, a árvore nasceu do fruto, /Ainda que em aparência tenha sido o fruto engendrado pela árvore. (RUMI, 1940, versos: 521-524, tradução nossa).²²

A beleza do mundo é como um véu que oculta a teofania suprema de Deus, e isso porque a beleza de Deus não poderia se manifestar sem os véus, pois se assim o fizesse, seu excesso de Luz destruiria o mundo, assim como o Sol não pode se aproximar da Terra sem que a consuma (MEYEROVITCH, 1972). Por este motivo, a mística de Rumi é referta de simbolismos; simbolismos que são signos (*‘ayât*) de Deus espalhados pela criação e anelados pelo halo do amor.

²¹ God lends him wings who is not mounted on the body. / Dismiss cares and be utterly clear of heart, / like a face of mirror without image and Picture. / When it becomes clear of images are contained in it;/ no man's face is ashamed of that clear-faced one. / Wouldst thou have a clear mirror, behold thyself therein [...]

²² Therefore, in form thou art microcosm, therefore in reality thou art the macrocosm. / Externally the branch is the origin of the fruit; intrinsically the branch came into the existence for the sake of fruit. / If there had not been desire and hope of the fruit, how should the gardener have planted the root of the tree? / Therefore, in reality the tree was born of the fruit, (even) if in appearance it (the fruit) was generated by the tree.

É pensando na multiplicidade como portadora de signos que Rumi vai se utilizar de toda uma simbólica extraída da natureza, a fim de dar a conhecer as infinitas possibilidades do Criador em suas manifestações teofânicas.

3 A Natureza: espelho da Beleza Divina

Lê-se no Corão (VI:95): “Deus que faz germinar o grão e o caroço, extrai o vivo do morto e o morto do vivo. Assim é Deus. Por que vos desencaminhais d’Ele?” e Rumi assim se exprime:

Como, ó irmão a existência está contida na não existência? / Como o oposto se oculta no oposto? / É preciso fazer sair o vivo do morto, / Por isso a esperança de Seus adoradores é pela não-existência. / O sementeiro cujo celeiro está vazio, se torna feliz e alegre/ Na esperança da colheita que se oculta inexistente. / Compreenda isto se é consciente da realidade espiritual! (RUMI, 1940, versos: 1018-1021, tradução nossa).²³

Os grãos que Deus faz germinar ocultam, já em suas profundezas, a dualidade, o ato da criação investe o grão: casca e noz. Quando se rompe a casca, a noz brilha. Quebrada, inerte no solo, a casca lentamente vai decompondo-se, modificando-se, alterando-se, transformando-se em algo que estava para além dela mesma, e reconhecendo-se em seu domínio, silencia e apenas habita. Mas é preciso ausentar-se a contragosto; sim. A contragosto, pois o gosto é estar ali no indiferenciado calidamente oculto sob o clâmide do Rei. E o Rei ordena “Seja” e ela transmutada retorna a um qualquer jardim. Da mesma forma a noz já se tornava frondosa árvore, bailava ao sabor do vento, sorvia as gotas de chuva, nutria-se com eflúvios da terra; mas quando o Sol lhe tocava, lembrava da sua pátria distante.

No dizer de Willian Chittick: “Rumi sempre discerne entre forma e significado sob os termos de existência (*hasî, wujûd*) e não-existência (*nîst, ‘adam*)” (CHITTICK, 1983, p.23, tradução nossa).²⁴ Entretanto, os pares de palavras precisam ser compreendidos em seus cenários, pois eles vão apresentando significados variados a cada contexto nos quais são utilizados.

²³ How, O brother, is the existence (contained) in non-existence? How is opposite concealed in opposite? / He brings forth the living from the dead: know that the hope of (His) worshippers is non-existence. / The sewer whose barn is empty, is not he joyful and happy in hope of non-existence –/ (Namely, in the hope) that (crop) will grow from the quarter of non-existence? Apprehend (this) if thou art aware of (spiritual) reality.

²⁴ Rumi often discerns between form and meaning in terms of ‘existence’ (*hasî, wujûd*) and ‘nonexistence’ (*nistî, adam*)

Partindo de um ponto de vista aparente da percepção, tem-se, por observação, que este nosso mundo visível é existente e as formas que se nos apresentam à percepção também são. Nesse sentido, o que não possui forma é não-existente. Contudo, ao se observar cuidadosamente a situação da existência humana frente ao universo, percebe-se num instante o diminuto tamanho do ser humano, menor que um grão de areia no deserto, portanto, de um outro ponto de vista, aquele diretamente conectado com o Criador, este mundo é que é inexistente, pois a única realidade existente é Deus. A própria palavra corânica (CXII; 4) atesta esta assertiva. “Ninguém é igual a Ele”. Isso significa que as manifestações são diferentes da Essência, daí a metáfora do espelho.

O ponto importante a ser observado [...] é que a criação deve existir por causa da infinidade de Deus. Ele não pode *não* criar o mundo. O próprio termo "Deus", que em árabe como empregado por Ibn 'Arabi contém em si a noção de reciprocidade, não teria significado se não fosse pela dependência da criação d'Ele. A criação é o "objeto" de Sua divindade (*ma'lûh*) ou aquilo em relação ao qual Deus é Deus. (CHITTICK, 2005, P.37-38, tradução nossa).²⁵

A característica da criação é a diversidade de criaturas que são produzidas pelo influxo incessante de Deus, assim o verbo divino “Seja e assim é” (*Kun faya kun*) é sem fim. Sob o comando do Criador da vida, a produção de toda existência segue seu fluxo ininterrupto de acordo com a necessidade que se apresenta em cada lugar. “Tudo tem lugar fixo na ordem cósmica e está preso aos seus limites que são impossíveis de transgredir” (SCHIMMEL, 1993, p.228, tradução nossa)²⁶, e Rumi ilustra essa organização:

O mar não deixa sair os peixes, / O mar não deixa entrar os seres terrestres/ A água é a morada original dos peixes, /E a do animal é a terra:/ Aqui de nada servem ardis e astúcias/ A fechadura do destino é forte e somente Deus pode abrir:/ Apegue-se à resignação e à aceitação de Sua vontade. (RUMI, 1940, versos: 3071-3073, tradução nossa).²⁷

Importante, contudo, é o lugar do homem na criação, somente ele que é dotado de uma dupla conjunção de anjo e animal tem, em potência, a capacidade

²⁵ The important point to note [...] is that creation must exist because of God's infinity. He cannot create the world. The very term God, which in Arabic as employed by Ibn 'Arabi contains in itself the notion of reciprocity, would have meaning if it were not for the dependence of creation upon Him. Creation is the 'object' of His divinity (*ma'lûh*), or that in respect to which God is God.

²⁶ Everything has fixed place in the cosmic order, and is bound to its limits which to transgress is impossible.

²⁷ The sea does not let fish out; the sea does not let the creatures of Earth in./ Water is the original home of the fish, and the (gross) animal is of the Earth: here device and contrivance are of no avail. / Strong is the lock (of divine destiny), and the (only) opener is God; cling to resignation and acquiescence (in God will)

de elevar-se de seu estágio humano, transcendendo-o quando mergulha no oceano do espírito.

És pérola e homem algum avalia teu quilate /O mundo nada possui que não lhe tenha sido dado. / Existe maior pena que ser exilado de Tua face? /Não puna teu servo por desconhecer Teus segredos/ A todo instante espalho min'alma e coração em Teu pó/ O pó à frente d'alma, não é o mesmo que aos Teus pés! / Em meio a vagas da contingência, ó mestre, se de Ti não for familiar, / Nelas nado sem poder escapar. /O mundo não é permanente, /E ainda que fosse, / Seria perecível se não fosse íntimo de Tua face. /Feliz é o rei que leva um xeque-mate de tua torre! / Que formosa presença possui aquele que nunca está sem Tua presença! / Desejo continuamente voar de coração e alma aos Teus pés! / Glória aos pássaros que Te desejam/ E piedade àqueles que desconhecem o desejo por Ti. (RUMI, 2001, p.39, tradução nossa).²⁸

O objetivo do ser humano sobre a terra é aperfeiçoar-se em suas virtualidades de ser criado com a dupla potência de anjo e animal. Nesse sentido, o que Mawlana ensina é colocar-se em constante combate com o ser mais ardiloso que habita o mais íntimo do ser humano, a nossa alma carnal (*nafs*). Este ensinamento está no centro da orientação espiritual instruída por Rumi, porém, trata-se de temática cuja extensão supera a intenção do presente artigo.

No processo de criação o Corão (VII; 172) fala do “*Pacto de Alast*”:

E quando teu Senhor tirou do dorso de Adão os filhos e suas sementes, e referindo-se a eles fez com que testemunhassem: “Não sou vosso Senhor?” “Sim”, responderam “somos testemunhas”. Assim não podereis alegar, no dia da Ressurreição, que não sabíeis.

Este pacto primordial firmado ainda na pré-existência é um dos preferidos entre os Sufis. Ali, naquele momento originário a humanidade foi dividida, os que fizeram a asserção afirmativa se colocaram de um lado, os que negaram foram, e serão, os rebelados. Chittick analisa esta passagem dizendo que “este evento teve lugar antes que o homem entrasse neste mundo, quando ele ainda existia como espírito desincorporado, em proximidade com Deus.” (CHITTICK, 1983, p.68,

²⁸ What pearl art thou that none possesseth the price of thee?/What does the world possess that is not thy gift?/ Is there a worse punishment than his who lives away from thy face?/Punish not thy servant tho' he is unworthy of thee./ he that is fallen amid the surge of accidents/ escapes not by swimming, since he is no friend of thine./ The world has no permanence, and if have/ Deem it perishable, because it is unfamiliar with thy permanence/ how happy the king that is mated by thy rook!/ How fair company hath he who lacks not thine!/ I desire continually to fling heart and soul at thy feet; Dust on the head of the soul which is not the dust of thy feet!/ Blessed to all birds is desire of thee;/ How unblessed the Bird that desires thee not!

tradução nossa).²⁹

Na corte do Juiz que pronuncia o Decreto, / Nós nos encontramos a fim de cumprir nosso pacto: / Eu não Sou Vosso Senhor? Sim! / Porque nós temos dito sim e já que nós somos colocados à prova, / nossos atos e nossas palavras atestam e provam este assentimento/ Por que guardamos silêncio no tribunal do Juiz? /Não viemos aqui para trazer o testemunho? / Quanto tempo, ó testemunha, ficarás detido no tribunal do Juiz? / Traga teu testemunho em seu tempo/ Tu foste convocado aqui para trazer testemunho e não para mostrar desobediência. (RUMI, 1940, versos: 174-178, tradução nossa).³⁰

Note-se que no ato mesmo da criação na pré-existência, a pergunta que é feita não soa como imposição. Na verdade, a humanidade, como é vista no Corão, é o ápice da criação, sendo por isso mesmo responsável por seus atos. Isto traz consigo implicações ético-religiosas de predestinação e livre-arbítrio que efetivamente ocuparam o pensamento de Rumi, mas que não serão trabalhadas no presente artigo.

Uma metáfora usada por Rumi sobre o processo de criação utiliza a imagem do jogo de polo. Tudo se passa como se Deus conduzisse o taco e a criação fosse a bola. Quando o taco toca a bola, o estalo produzido representa o *Kun – Seja!* Note-se que antes do estalo, nada havia a não ser o silêncio. É na quebra do silêncio que se instaura a criação, o movimento. É a bola girando pelo espaço, cortando o ar, produzindo atritos e mais criação, bem como iniciando a melodia das esferas, e desde então nada mais parou de girar, no “espaço e meta-espaço (*makân w lâ makân*).” (LEWIS, 2001, p. 414).

Se és uma bola de polo em Seu campo de polo/ continue a girar sob Seu taco/ a bola não se torna perfeita e sem defeito, / até quando, da mão do Rei, vem o golpe que a faz dançar. (RUMI, 1940, livro II, versos: 313-15, tradução nossa).³¹

Tem-se então uma incessante criação, por parte de Deus Inovador, Idealizador (*al-Badi’u*), esse fluxo impele Rumi a fazer de toda criação analogias

²⁹ This event took place before man entered into this world, when he existed as a disembodied spirit in proximity to God.

³⁰ In the court of the Judge who pronounces the Decret we are (present) for the purpose of (making good) our claim (to fulfil the covenant signified by the words) ‘Am not I (your Lord)? And ‘Yea’; / for we said, ‘Yea’ and (since we are) on trial our acts and words are the (necessary) witnesses and evidences of that (assent). / Wherefore do keep silence in the court of the Judge? Have not we come (here) to bear testimony? / How long, O witness, wilt thou remain under destination in the court of the Judge? / Give thy testimony betimes. /Thou hast been summoned hither that thou mayst give the testimony and show no disobedience.

³¹ If thou are a ball in His polo-field, keep spinning round from (the blows of) His polo stick. / The balls becomes right and flawless (only) at time when it is made to dance by the stroke of the King’s hand.

para exprimir o poder do Criador. Mawlana, por vezes, faz comparações interessantes com as cores, principiando pelo sol, cuja alvura é fonte de toda luminosidade. A imagem do sol em Rumi é frequentemente associada a Shams de Tabriz, seu mestre amado e querido, mas também é usada numa referência clara a Deus, esta dupla associação talvez se deva ao fato de que Shams tenha sido um sol para o espírito de Mawlana. No livro I do Masnavi, a imagem solar aparece associada tanto a Shams quanto ao Criador, porque Shams é um reflexo de Seu brilho.

Não há nada neste mundo mais maravilhoso e estranho que o sol, / Mas o Sol do espírito é eterno: ele não se põe/ Ainda que o sol físico seja único, é possível, contudo, / Imaginar um que lhe assemelhe/ o sol espiritual que está além do éter, / Não possui igual no espírito ou no exterior. / como sua essência poderia ser contida na imaginação, / de tal sorte que a pudéssemos representar? /Quando as novidades chegam da face de Shams de Tabriz/ O sol do quarto céu se esconde de vergonha. (RUMI, 1940, versos 119-123, tradução nossa)³².

É o sol criador que ilumina as trevas, é ele dá às criaturas, no abissal desfiladeiro do não-ser. É ele que queima como fogo lancinante o coração do amante que busca seu Amado Solar. Outra bela ideia de transformação solar usada por Rumi diz respeito a uma antiga tradição, segundo a qual os simples minerais podem ser transmutados em rubis quando tocados pelo sol. Veja-se aqui novamente a relação entre o sol como poder purificador que elimina, dos simples minerais toda opacidade, tornando-os rubis reluzentes. Da mesma forma, ao tocar estas simples rochas inertes, o sol criador as ativa dando-lhes vida. Nesta simbólica encerra-se o poder ativo do criador.

Estes montes de argila, teus detratores, tentam esconder teu sol/ Os rubis no coração da montanha são testemunhas de ti. / Os pomares risonhos são cheios até a borda de ti. (RUMI, 1940, versos: 2011-2012, tradução nossa).³³

O sol é no dizer de Schimmel (1993) *tremendum e fascinans*, como símbolo de Deus, ele se apresenta cálido como o amado que acolhe o amante em

³² There is nothing in the world so wondrous strange as the sun, (but) the Sun of the spirit is everlasting: it hath no yesterday./Although the external sun is unique, still it is possible to imagine one resembling it/ The spiritual Sun, which is beyond the aether, hath no peer in mind or externally./ Where is room in the imagination for His essence, that the like of Him should come into imagination?/ When News arrived of the face of Shamsu'ddin (the Sun of religion), the sun of the fourth heaven Drew in its head (hid itself for shame).

³³ These lumps of clay (thy detractors) attempted (in vain) to cover up thy sun. / the rubies in the mountain's heart are brokers (advertisers) of thee; the orchards in (their) laughter (full-blown beauty) are filled to the brim with thee.

seus braços ardentes, bem como destruidor que com suas chamas tudo consome. “Se o sol que ilumina o mundo se avinhasse um pouco mais, / tudo seria consumido” (RUMI, 1940, verso: 141, tradução nossa).³⁴ A imagem solar permite Rumi descrever toda majestade do Criador e, mais que isso, ao coadunar a experiência de Deus em sua simbólica solar, com sua experiência pessoal de iluminação interna – produzida pela presença de Shams – Mawlana intensifica o detalhamento de sua iluminação. É o sol que permite às plantas vicejarem, derretendo a neve após o inverno, referência clara aqui a um ato criador, mas também a um ato re-vivificador. “Se a neve e o gelo viessem a contemplar o sol/ elas se desesperariam de sua condição gelada/ e tornar-se-iam água [...]” (RUMI, 1940, verso: 3431, tradução nossa).³⁵

A neve derretida transforma-se em água; água da vida, que fertiliza a terra e dela faz brotar uma multiplicidade de plantas e abundantes micro-organismos. Ato criador por excelência, a neve transformada em água pelos raios do sol flui pela terra que igualmente tocada pela luz converge para predispor a germinação da semente fazendo crescer variegadas formas, e estas tocadas pelo vento espalham-se cobrindo cada palmo de chão. “O Amado brilha como o sol, / O amante gira como um átomo / quando sopra a brisa da primavera do amor / cada galho que não está seco começa a dançar. (RUMI, 1993, p. 202, tradução nossa).³⁶

Rumi, seguindo qual fluxo de uma nascente desliza pelas montanhas, passando pelos vales, meandrificando-se, e a cada nova sinuosidade suas águas vão aumentando. Interessante como a vida de Rumi assemelha-se mesmo a este movimento: seu nascimento em Vakhsh ainda como um pequeno curso que escorre para Meched, de lá segue seu fluxo alcançando Malatya, e ainda que o encontro com ‘Attar em Nayshâpur tenha um forte conteúdo mítico, a previsão do sábio certamente se concretizou; “lá vai um rio levando consigo um oceano”. Continua seu caminho, passa por Bagdá, Meca, Damasco, Aqshahr e Larende para desaguar em Kônia, lugar onde “dois oceanos se encontram”: Rumi e

³⁴ If the Sun, by whom this world is illuminated, should approach a little (nearer), all will be burned. /

³⁵ If the snow and ice were to behold the sun, they would despair of (retaining their) iciness;/ they would become water [...]

³⁶ Le Bien-Aime brille comme le soleil, / Le amoureux tourne comme un atome/ quand souffle la brise du printemps de l'amour/ toute branche qui n'est pas sèche se met à danser.

Shams³⁷. Esta imagem da água é de fato metaforicamente perfeita para dar a ideia de criação, e Rumi, com frequência, utiliza a imagem da gota que se mistura ao Oceano, de onde um dia foi criada e de lá saiu para a multiplicidade transmutada em partícula dispersa.

Como uma gota d'água que tem medo do vento e da terra;/ Porque ambos a fazem desaparecer e perecer/ Quando ela se joga no mar, que é a sua fonte, / Ela é liberada de todo calor do sol, do vento e da terra. / Sua forma externa desapareceu no mar, mas sua essência é inviolável, permanente e bela. (RUMI,1940, versos: 2616-2617, tradução nossa).³⁸

Essa essência indiferenciada de onde emergem os seres, é o Real dentre as 'realidades', o princípio cósmico que concede ordem ao mundo e existe desde sempre. Dele tudo flui e a Ele tudo reflui. Fragmenta-se na multiplicidade mantendo a sua Unidade. Revela-se em suas epifanias como se revelou a Rumi. "E Ele se manifesta de cem mil formas, estas nunca se percebem. Bem, tu O vês neste momento, em Suas obras e ações; a cada momento tu O vês de forma diferente. Nenhuma de Suas ações se parecem." (RUMI, 1996, p.158).

O Uno Criador teofaniza-se, e tudo resplandece manifestando e refletindo sua grandeza.

Quando teu coração te apoia, / Considera que é um sol entrando em Áries/ Por causa do qual o dia e a primavera sorriem, / E as folhas e pradarias verdes se misturam/ e miríades de rouxinóis e rolinhas/ despejam seus cantos[...]. (RUMI, 1940, verso: 1593-1594, tradução nossa).³⁹

Imagens relacionadas aos jardins e às plantas apresentam ocorrência frequente nos versos de Rumi; tem-se, por exemplo, a ideia do jardim criado como que semelhante e refletindo os mais belos jardins incriados. Aqui, permite-se entrever a noção que, em um jardim, é possível observar o ato criador se fazendo a cada instante; em cada canteiro, uma novidade, dia após dia novos brotos são brindados com os raios do sol e recebem da noite o frescor do orvalho.

³⁷ As fontes históricas divergem quanto a verdadeira rota tomada pela caravana da família de Rumi, esta, contudo seria a mais provável. Ver a este respeito (RANDON, Michel. 1996).

³⁸ Like a drop of water (which is) afraid of Wind (air) and Earth; for by means of these Twain it is made to pass away (and perish. / When it has leaped (thrown itself) into the sea, which was its source, it is delivered from the heart of the sun and from Wind and Earth. /Its outward form has disappeared in the sea, but its essence is inviolate and permanent and goodly.

³⁹ When his heart Works (for you) in approval, deem it (to be) a sun entering Aries, / Because of whom both the day and the spring smile, and blossoms and green fields are mingled together? And myriads of nightingales and ringdoves pour their song into the unplenished world.

Contudo, o jardim terreno não é mais que imagem pois, segundo Mawlana:

Do Jardim nos chega, à cidade, não mais que um ramo:/ Como poderiam, o jardim e o pomar, chegarem totalmente até nós? / Especialmente um Jardim para o qual este céu não é mais que uma só folha; / Em realidade ele é a noz e este mundo aqui é como a casca. (RUMI. 1940, versos: 3230-3233, tradução nossa).⁴⁰

Note-se a analogia empregada com os termos da natureza (noz e casca), no exemplo acima (dois mundos distintos, porém interdependentes); a noz e a casca aparecem também como a alma e o corpo. Ambos são independentes, porém assim como a casca protege a noz que possui as virtualidades de se transformar em nova árvore, assim também a alma é protegida pelo corpo enquanto vive neste mundo material.

Uma das expressões utilizadas por Rumi em seus poemas visa fazer corresponder as manifestações apreendidas na natureza ao próprio comportamento humano.

[...]sejam quais forem as plantas que ele escolher, todas elas têm uma só função: louvar sem língua a graça da água que as vivifica - comparável aos fiéis que são livres e felizes como um cipreste e um lírio, louvando a Deus em diferentes línguas[...]. (SCHIMMEL, 1993, p.89, tradução nossa).⁴¹

Nesse sentido, as estações do ano são vistas como momentos que captam a própria transformação do espírito, do ser humano e da própria natureza em uma conjunção harmônica. Se o inverno ou o outono podem ser vistos como símbolos da separação da alma de sua fonte, a primavera e o verão, mas principalmente a primeira, é vista como o momento que proporciona a visão e a consecução do tão esperado instante de união. “O corpo sombrio é como o corvo e o mundo físico, como o inverno – a despeito desses dois, que a primavera seja eterna!” (RUMI, 2001, p.21, tradução nossa).⁴²

Segundo Schimmel (1993), água, terra, fogo e ar participam desse grande evento proporcionado pelo advento da Primavera; renovadora, revigoradora,

⁴⁰ From the Garden they bring to town (only) a branch: how should they carry thither the (whole) garden and orchard? / Especially, a Garden whereof this heaven is (but) one leaf; nay, that is the kernel, and this other (world) is as the husk

⁴¹ Whatever plants he chooses, all of them have only one function: to praise without tongue the grace of the water which quickens them - comparable to the faithful who are free and happy like a cypress and lily, praising God in different tongues.

⁴² The dark body resembles a raven, and the body's world winter;/ Oh, in spite of these two unpleasants may there be eternal spring!

restituidora, a primavera encarna a própria ressurreição e recomeço. Na base dessa inspiração poética de Rumi encontra-se o dito corânico (XXII; 5-6): “Da mesma forma vê a terra árida. Mas quando enviamos a água sobre ela, estremece e intumesce e produz toda espécie de plantas novas/ Tudo isso porque Deus é a verdade: ressuscita os mortos e tem poder sobre todas as coisas”.

A primavera abre as possibilidades para a transformação do coração do amante porque ela proporciona o encontro com o Amado superando as barreiras interpostas pelo inverno (da alma). “Há uma passagem breve da alma ao coração. / Saí para busca-la e fui bater-lhe à porta. / Agora sei em que consiste a primavera. / Meu coração é água refletindo a lua.” (LUCCHESI; TEIXEIRA, 2007, p.31). Primavera no jardim traz a mensagem da ressurreição vindoura. Ela funciona como a antevéspera do cumprimento da promessa corânica (XXII; 6) “A hora está chegando – nenhuma dúvida a esse respeito – e Deus ressuscitará seja quem estiver no túmulo”. Por isso Rumi, como um amante profundo, enxerga nesse jardim contemplado, as maravilhas que se anunciam no futuro.

O rouxinol fez um ninho em nosso jardim. / Os corvos fugiram. Ah!
Vem, luz dos meus olhos, / vamos sair de nós, como o lírio e a rosa, /
como água límpida passando entre jardins. (LUCCHESI; TEIXEIRA,
2007, p.22).

O rouxinol é um dos pássaros preferidos de Rumi que frequentemente o associa à rosa para cantar a criação. Schimmel (1993) informa que esta predileção remonta à poesia lírica antiga, pelo fato do nome rouxinol em persa ser (*bol*) e produzir uma rima perfeita com a rosa (*gol*). Esta clássica combinação rendeu diversos poemas e, em Rumi, pode ser encontrada, com frequência. Ainda no dizer de Schimmel (1993), o rouxinol e a rosa são muito populares e possuem uma conexão simbólica diretamente relacionada com a primavera e com o amor. O rouxinol através de seu canto ao mesmo tempo melodioso, mas também melancólico, simboliza o amor e a nostalgia da separação. A rosa, por sua vez, através da vivacidade da cor de suas pétalas e folhas, bem como do alcance de seu perfume, constitui uma insígnia do que é imperecível e regenerável, o que a faz simbolizar a primavera. “Quando encontrares um confidente, / declara o mistério do espírito;/ Se vires a rosa, cante forte como o rouxinol” (RUMI, 1940, verso:

2037, tradução nossa).⁴³

A natureza é o palco da revelação e Rumi, através de suas alusões permite àqueles que fruem de seus escritos compreenderem as relações entre as criaturas que formam como que um mosaico da diversidade de manifestações de Deus. Dessa forma é possível perceber como as árvores e as flores servem como símbolos das transformações operadas no ser humano. Assim como as árvores se modificam e renascem verdejantes, no jardim, pela sucessão do inverno pela primavera, o ser humano, no jardim do coração, também opera uma transformação quando busca o encontro com o Amado, cuja promessa de transfiguração radical é aguardada na primavera da ressurreição. Adejando em meio aos ares de nossas montanhas. “Esta estação não é primavera, é outra estação./ O langor do olhar de cada um vem de outra união./ Embora todos os galhos das árvores estejam dançando,/ cada galho se move por uma outra razão”. (RUMI, 1993, p.193, tradução nossa).⁴⁴

Afirma Schimmel que na comparação dos seres humanos com as árvores, durante a primavera, as folhas verdes mostram a graça eterna de Deus e o poder doador de vida que se manifestará mais uma vez e para sempre no dia da ressurreição. (1993, p.83). E Rumi canta:

Ó tu, verdura de cada árvore, de cada jardim, de cada folha de grama/
ó tu, meu bem estar e minha felicidade, meu objetivo e meu mestre/ Ó
tu o retiro, o *sama*, a sinceridade e o artifício,/ sem tua presença, todas
essas coisas não são mais que melancolia, vem! (RUMI, 1993, p.74,
tradução nossa).⁴⁵

Uma das ideias centrais nos escritos de Rumi, diz respeito a uma correlação entre as manifestações da natureza e o comportamento do ser humano. Assim, por exemplo, há uma proporção entre o choro e o sorriso que se espelha na natureza através do sorriso do jardim florido e verdejante, após o “choro” das nuvens que trazem a chuva vivificante. Pois, assim como “as gotas de

⁴³ When you see a confidant, declare the mystery of the Spirit; (if) you see the rose, sing loud like nightingales.

⁴⁴ Cette saison n'est pas le printemps, c'est une autre saison. / La langueur des yeux de chacun provient d'une autre union. / Bien que toutes les branches des arbres soient en train de danser,/ Cependant, chaque branche se meut pour une autre raison.

⁴⁵ Ó toi, verdure de chaque arbre, de chaque jardin, de chaque brin d'herbe/ o toi, mon bonheur et ma félicité, mon but et mon maître/ O toi la retraite, le *sama*, la sincérité et l'artifice, / sans ta présence, toutes ces choses ne sont que mélancolie, viens.

chuva são fundamentais para produzir a beleza do jardim, as lágrimas do amante acabarão por resultar em uma manifestação da Bondade Divina.” (SCHIMMEL, 1993, p. 85, tradução nossa).⁴⁶ No Masnavi lê-se: “[...] chore como a nuvem, / para que teu jardim de rosas se abra e seus frutos maduros rebentem e se revelem.” (RUMI, 1940, livro III, versos: 312-314, tradução nossa).⁴⁷

As mesmas árvores também se prestam para simbolizar os discípulos no seguimento do mestre. A noz que deve ser partida para o nascimento da semente a fim de que esta se desenvolva e atinja seu porte altaneiro, semelha ao coração do discípulo que necessita passar por várias etapas de purificação num crescimento espiritual progressivo: “As nozes dos corpos foram quebradas e aqueles que possuíam uma semente, se tornaram espíritos justos e puros.” (RUMI, 1940, verso: 706, tradução nossa).⁴⁸ Afirma Schimmel que “as árvores são como os dervixes, avançando lentamente, crescendo lentamente, e sorrindo até darem frutos plenos” (SCHIMMEL, 1993, p. 87, tradução nossa).⁴⁹

No jardim que louva e oferece testemunho constante das maravilhas operadas pelo Criador, as flores têm um lugar especial. E assim como a rosa, vista acima, outras flores aparecem para demonstrar a diversidade das manifestações da criação. A tulipa, por seu vermelho intenso, representa, muitas vezes, os mártires do Islã, já a flor de lótus reproduz a harmonia cósmica que tudo permeia, enquanto o jasmim recorda a separação do amado e a violeta, que se dobra humildemente, equivale ao crente humilde, mas também ao asceta que “[...] em seu vestido azul escuro se senta meditando, ou na posição de genuflexão ritual” (SCHIMMEL, 1993, p. 90, tradução nossa)⁵⁰, espelha o crente maduro.

[...] a mão da primavera revela o segredo do inverno/ uma festa fresca e verde na qual todos dizem; ‘- Nós somos devotos, somos devotos!’ / enquanto outros, como as violetas baixam a cabeça. (RUMI, 1940, livro V, versos: 1802-1803, tradução nossa).⁵¹

⁴⁶ The rain drops are instrumental in producing the beauty of the Garden, the lover’s tears will eventually result in a manifestation of divine lovingkindness.

⁴⁷ [...] weep lamentably like a cloud, / In order that their rose-garden may open its blossoms to thee, and that the ripe fruits may burst and reveal themselves.

⁴⁸ The walnuts (bodies) were broken, and those which had the kernel had, after being slain, a spirit pure and fair.

⁴⁹ The trees are like dervishes, slowly advancing, slowly growing and smiling until they bear full fruit.

⁵⁰ [...] in his dark blue frock, who sits meditating, or in position of genuflexion in ritual prayer

⁵¹ [...]the hand of Spring reveals the secret of Winter. / One (party) fresh and green, saying, “We are the devout”; and other dropping their heads like the violet

Segundo Schimmel (1998), Rumi retoma o antigo mito grego do *hieros gamos*, o casamento entre o céu e a terra, mas o espiritualiza, trazendo-o para a dimensão do sufismo, traduzindo-o na linguagem poética.

O céu diz à terra: 'Sê bemvinda!' Para ti sou como a relação do ferro com o imã; na visão do intelecto, o céu é o homem e a terra a mulher; tudo o que o céu lança, esta terra promove. / Quando a terra não tem calor, ele o envia; quando não resta frescura e humidade, ela confere. (RUMI, 1940, versos: 4403- 4405, tradução nossa).⁵²

Rumi caminha pelos jardins e a cada palmo do caminho ensina a olhar e contemplar os signos do Real que se assomam ante a visão do buscador. Assim a natureza é como um templo e todo o cosmos é sacralizado. Todos os seres estão intimamente interligados por meio de laços fraternos e todas as coisas vivas adoram a Deus. Cada um a seu modo, cada um na sua forma peculiar e original.

A mística de Mawlana convida a superar uma visão superficial, é um chamado a que se viva sobrepujando as distrações das aparências buscando um aprofundamento no real, no vivido, para daí ativar a mais profunda dimensão humana; dimensão mística por excelência, porquanto experiência de vida vivida e contemplada em plenitude.

Conclusão

Todo pensamento e ensinamento místico e poético de Rumi é uma busca rumo ao Amado transcendente, mas que oferece a oportunidade de que o místico venha a se re-conhecer como parte idissociável de um todo pré-cósmico. Nesse sentido, ser contemporâneo dessa cosmogênese macrocós mica, garante ao místico a certeza de já ter – em um tempo pré-cósmico primordial – existido como partícula indivisível de um Todo homogêneo.

O louvor à natureza operado por Rumi significa a compreensão de que tudo é e está em uma constante epifania, e que o princípio ordenador é fundado num devir permante. É este vir a ser a grande utopia do buscador, e a divisa e impulso usados na caminhada é o amor. A comunicação amorosa, pelo caráter

⁵² Heaven says to the Earth, "Welcome! To thee I am (in the same relation) as the iron and magnet". / In (the view of) the intellect, heaven is a man and Earth woman: whatever that (heaven) casts forth this (earth) fosters. / When it (the Earth) hath no heat remaining, it (heaven) sends it; when no freshness and moisture remains, it bestows it.

que lhe é peculiar, propicia a superação da transcendência e da imanência, privilegiando a transparência reflexiva – daí a utilização da metáfora do espelho do coração, que deve ser polido constantemente, para tornar-se mais e mais puro, a fim de que aquilo que pudesse parecer dual e distante, reflita-se e seja o mesmo, pois essa é a experiência de unidade básica do universo.

A mística de Rumi proporciona que se encontre o Amado nas profundezas de seu coração, e este conhecimento não é nada mais que a descoberta da profunda unidade que dormita silente no âmago de seu ser. Ao conhecer-se a si mesmo, é possível ao místico entrar em contato com todas as virtualidades operadas pela Unidade, e então, ele pode reconhecer pela multiplicidade criada, a máxima participação de si-mesmo na Totalidade.

REFERÊNCIAS

- AL-AFLAKI. **Rumi Maestro de Derviches**. Madrid: Editorial Sufi, 1999.
- CHITTICK, William. **The Sufi Path of Love**. The spiritual teachings of Rumi. Albany: SUNY Press, 1983.
- CHITTICK, William. **The Sufi doctrine of Rumi**. Indiana; World Wisdom, 2005.
- CHITTICK, William. The religion of love revisited. ***Journal of the Muhyiddin Ibn Arabi Society***, Volume 54, 2013. Disponível em <https://ibnarabisociety.org/the-religion-of-love-revisited-william-chittick/>. Acesso em: 13 mar. 2022.
- CORBIN, H. **Islam Iranien**. Aspects spirituels et philosophiques. Paris: Gallimard, 1991.
- IQBAL, Afzal. **The Life and Work of Jalaluddin Rumi**. Karachi: Oxford University Press, 1999.
- LEWIS, Franklin D. **Rumi Past and Present, East and West**. Oxford: Oneworld, 2001.
- LUCCHESI, Marco; TEIXEIRA, Faustino. **O Canto da Unidade**: Em torno da poética de Rumi. Rio de Janeiro: Editora Fissus. 2007.
- RANDON, Michel. **Rumi**: La Connaissance et le Secret. Paris: Dervy, 1996.
- RUMI, Jalaluddin. **Rubâi'Yât**. Paris: Albin Michel, 1993.
- RUMI, Jalaluddin. **Mathnawî**: La Quête l'Absolut. Traduit du persan par: Eva de Vitray-Meyerovitch et Djamchid Mortazavi. Paris: Éditions du Rocher. 1990.

RUMI, Jalaluddin. **The Mathnawi of Jalalu'ddin Rumi**. Edited and translated by Reynold Nicholson. 6 Vols. London: The trustees of the "E. J. W. Gibb Memorial", 1940.

RUMI, Jalaluddin. **Fihi ma Fihi**. São Paulo: Edições Dervish.1996.

RUMI, Jalaluddin. **Selected Poems From the Diwan-e Shams-e Tabrizi**: translated e introduced by R. A. Nicholson. IBEX Publishers, 2001.

SCHIMMEL, Annemarie. **The Triumphal Sun**. Albany: SUNY Press, 1993.

SCHIMMEL, Annemarie. **L'incendie de l'âme**: L'aventure spirituelle de Rumi. Paris: Albin Michel, 1998.

THE KORAN. Translated with an introduction by Arthur Arberry. Oxford: Oxford University Press, 1998.

VITRAY-MEYEROVITCH, Eva de. **Mystique et Poésie en Islam**: Djalâl-ud-Dîn Rûmî et l'Ordre des Derviches tourneurs. Paris: Desclée de Brouwer, 1972.